

O JORNALISMO E O NASCIMENTO DA REPORTAGEM: HISTÓRIA, IMPRENSA E LITERATURA EM LIMA BARRETO.

Luciana Leite da Silva (bolsista do PIBIC/UFPI), Denilson Botelho de Deus (Orientador, Depto Geografia e História – UFPI)

Introdução

Esse resumo tem como proposta apresentar os resultados finais do projeto de pesquisa intitulado *O jornalismo e o nascimento da reportagem: história, imprensa e literatura em Lima Barreto*, desenvolvido através do PIBIC/UFPI, no período compreendido entre agosto de 2011 e julho de 2012, sob orientação do professor Denilson Botelho de Deus. Durante esse período foram realizadas as seguintes etapas: seleção, leitura e fichamento de produções historiográficas que abordam o tema contemplado no projeto; bem como a leitura e o fichamento de alguns artigos e crônicas de Lima Barreto reunidos pela Editora Brasiliense nos livros *Vida Urbana e Marginália*.

O objetivo dessa pesquisa consiste em investigar as origens de um novo jornalismo no Brasil da Primeira República a partir da análise das relações entre os literatos e a imprensa da época. Tomamos como base a intensa colaboração de Lima Barreto na imprensa do Rio de Janeiro, no início do século XX. Durante esse período o jornalismo constituía-se enquanto área profissional e os periódicos substituíram a produção em estrutura artesanal para tornarem-se empresas jornalísticas.

Metodologia

Ao longo dessa pesquisa foram realizadas leituras e fichamentos de algumas obras que se constituíram como alicerces para a análise aqui proposta, pois possibilitaram compreender principalmente a relação existente entre literatura e imprensa durante a Primeira República.

A biografia de Lima Barreto, produzida por Francisco de Assis Barbosa, intitulada *A vida de Lima Barreto*, proporcionou um conhecimento mais aprofundado da atuação literária e jornalística desse escritor. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República de Nicolau Sevcenko* contextualiza o Rio de Janeiro no início do século XX. Marialva Barbosa, no livro *Os Donos do Rio: Imprensa, Poder e Público*, estabelece um diálogo com a temática em questão, pois analisa os principais periódicos do Rio de Janeiro entre 1880 e 1920.

Após essa etapa, foi realizada a análise dos artigos e crônicas de Lima Barreto publicados nos livros *Vida Urbana e Marginália* que possibilitaram construir um perfil da atuação de Lima Barreto na imprensa carioca. Essas informações foram progressivamente repassadas ao orientador - de acordo com o cronograma constante no plano de trabalho -, que analisava as fichas e as inseria em um banco de dados.

Resultados e Discussão

Os artigos e crônicas publicados nos livros *Vida Urbana* e *Marginália* reúnem a colaboração do escritor em jornais como: *Correio da Noite*, *A.B.C*, *Careta*, *Lanterna*, *Revista da Época*, *Brás Cuba*, *O Malho*, *Hoje*, *Dom Quixote*, *O Estado*, *Gazeta da Tarde*, *Gazeta de Notícias*, *Comédia*, *O Debate*, *Comédia e Tudo*.

Vida Urbana contempla entre outros assuntos, o período de modernização do Rio de Janeiro, cidade que Lima Barreto conhecia profundamente e que serviu constantemente de inspiração para sua escrita.

Marginália trata principalmente do descaso, exclusão e marginalização das classes menos favorecidas. Chama atenção para os contrastes do novo sistema político, que levou progresso e modernização apenas a uma parcela privilegiada da sociedade, acentuando o fosso existente entre ricos e pobres.

Um dos temas recorrentes é a questão da infra-estrutura urbana. Lima Barreto faz críticas à falta de saneamento básico, à precariedade dos calçamentos, à construção de edifícios (que por ele é vista como imitação da arquitetura estrangeira), à poluição, ao afastamento de pessoas marginalizadas do centro urbano, ao aumento da criminalidade e à fragilidade do sistema prisional.

Quando aborda a condição da mulher, que é um tema bastante recorrente em seus textos, Lima Barreto demonstra o quanto também é contraditório em determinados aspectos. Ora defende alguns direitos femininos, ora se posiciona de forma tradicional e conservadora.

Um assunto bastante comum as duas publicações é a política. Criticava o governo, os políticos e o sistema republicano como um todo. Observava que o poder e o luxo corrompiam os políticos. Esse era um assunto que detestava, mas como escritor sentia-se na obrigação de dizer algo a respeito.

Outra temática bastante recorrente nesses dois livros é a imprensa e o seu fazer jornalístico. A partir da leitura e análise dos artigos e crônicas foi possível perceber que Lima Barreto utilizava os jornais como fonte de estudo, que lia vários tipos de periódicos e os lia na íntegra, desde as seções de esportes até as direcionadas à moda:

Leio com cuidado os jornais do dia, como já tenho repetido muitas vezes. Não perco uma seção deles, principalmente as elegantes, as do parlamento e as das grandes associações. Por exemplo: se estou disposto a estudar agricultura, leio as notícias da Sociedade de Agricultura. Nelas, aprendo que o tomate e mais a brinjela são cucurbitáceas cujo fruto é muito útil como forragem para os animais de corridas. [...] O jornal é uma fonte de estudos pra mim. Nele tenho aprendido muito, [...].¹

¹ BARRETO, A. H. de Lima. “Alto Comércio”. In: *Vida Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 249 - 250. (Careta, 09.07.1921).

O conteúdo analisado por ele nos jornais servia de fundamentação para sua escrita: “eu gosto dos jornais para justificar as minhas observações.”² É comum encontrarmos no início de seus textos referências a um jornal da época, fosse ele nacional ou internacional como no artigo “Coisas Americanas I”, quando se refere aos jornais parisienses *O Figaro* e *Petit Journal* para discutir o entusiasmo dos brasileiros com relação aos Estados Unidos.

Reportava – se as notícias publicadas em outros periódicos quando em seus textos se propunha a discutir assuntos a ele contemporâneos. Nos dois livros analisados é possível notar que ele utilizava esse artifício principalmente quando lançava suas críticas: ao feminismo, a política, a secções de moda e ao futebol.

Ele utilizava os espaços dos jornais para criticar a própria imprensa, questionando a progressiva perda de influência do jornalismo de caráter opinativo para o de cunho informativo, característico da nova concepção jornalística que se propunha a modernizar o modo de se fazer jornal no Brasil. Para Lima Barreto, as reportagens editadas nos jornais tinham apenas o objetivo de entreter os leitores com notícias irrelevantes, como moda, futebol e notícias oficiais, que pouco ou nada contribuía para formar a opinião da grande maioria da população.

A imprensa segundo ele não se encarregava sequer de manter a sociedade minimamente informada sobre o que realmente interessava para o desenvolvimento do país: “Os jornais enchem páginas e páginas sobre cousas de ‘almofadinhas’ e ‘transparentes’, mas repelem tudo o que interessa os destinos da nacionalidade. Um crime vale mais do que um apelo à nação para que se una em prol de sua grandeza”³.

No artigo intitulado *Os Nossos Jornais* Lima Barreto analisou alguns periódico e se referiu de forma negativa aos excessos de notícias oficiais, as futilidades das secções de moda e dos diários sociais, e por último ao sensacionalismo das notícias policiais. E concluiu que: “não há as informações internacionais, não há os furos sensacionais na política, nas letras e na administração. A colaboração é uma miséria.”⁴

Conclusão

Lima Barreto não economizou nas críticas contra a imprensa, a qual ele também denominava de “fábrica de carpetões”, ou seja, “fábrica de mentiras”. Entretanto ele nunca perdeu as esperanças no caráter transformador da imprensa através da conscientização crítica da sociedade.

Ao longo dessa análise foi possível compreender que na concepção desse literato trabalhar no ramo da imprensa é ultrapassar os limites do ofício, pois este deve ser tido não somente como um meio de subsistência, mas sim como uma função social. É comprometer-se com uma imprensa engajada e empenhada nas discussões de seu tempo. Lima Barreto como militante das letras lutou a

² BARRETO, A. H. de Lima. “A Música”. In: *Vida Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 62 - 63 . (Correio da Noite, 30.12.1914).

³Ibidem, p. 196-197.

⁴ Ibidem, p. 53-57.

favor da liberdade de pensamento. Defendia a liberdade e independência da escrita dizendo: “Sou escritor e, se mérito outro não tenho, me gabo de ser independente.”⁵

Referências

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

BARBOSA, Marialva. *Os Donos do Rio: Imprensa, Poder e Pública*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

BARRETO, A. H. *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. *Vida Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOTELHO, Denílson. *A pátria que quisera ter era um mito: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 2ªed. Companhia das Letras, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ªed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

Palavras-chave: Imprensa. Literatura. Primeira República.

⁵ BARRETO, A. H. de Lima. “A Maçã e a Polícia”. In: *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 76. (O Debate, 11.03.1922).